

SER REVOLUCIONÁRIA E ESCRITORA DURANTE OS ÚLTIMOS GOVERNOS DITATORIAIS NO CONE SUL – O GÊNERO NAS LETRAS

Ana Brancher¹

Resumo:

Examinamos múltiplas condições vivenciadas pelas escritoras num campo de trabalho preponderantemente masculino, seus conflitos e problemas por serem vigiadas e censuradas pelos governos ditatoriais. Ao mesmo tempo, aquele foi um período de ampla divulgação das teorias feministas e do acentuado reconhecimento internacional da literatura latino-americana. Investigamos a trajetória e obra de algumas escritoras do Cone Sul que sofreram reveses em decorrência das ditaduras civil-militares a partir de seus romances escritos na época ou escritos posteriormente tendo as ditaduras como temática, alguns testemunhos e entrevistas.

Palavras-chave: escritoras. Ditadura militar. Cone Sul.

Em 27 de março de 2012, o *Centro Cultural de la Memoria Haroldo Conti*, em Buenos Aires, inaugurou uma mostra fotográfica de autoria de Paula Luttringer. A fotógrafa, nascida na Ciudad de La Plata em 1955, era estudante de Botânica quando, em 1977, ficou cerca de cinco meses presa em um centro clandestino de detenção conhecido como Sheraton por ser militante montonera; pouco depois de ser libertada, ela saiu da Argentina para onde retornou somente em 1992. A exposição, intitulada *El Lamento de los Muros – Cosas desenterradas*, apresentava dois movimentos: num, uma série de fotos em preto e branco de ângulos/olhares da autora sobre os muros dos centros clandestinos de detenção dialoga com fragmentos de textos de mulheres sequestradas e presas naquelas centros; noutro, uma série de objetos – bolinha de tênis, restos de um blusão, meia-calça, um sapato roto – encontrados durante posteriores escavações nos locais de prisão ecoam, poderíamos entender, restos de um cotidiano no cárcere. Um texto que dialogava com uma foto dizia: “(...) *las mayores dificultades que tuve para resolver fueron de*

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Este texto é parte dos estudos realizados durante Estágio Sênior na Universidad Buenos Aires com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: ana.brancher@ufsc.br



las relaciones sexuales...a mí me costó mucho volver a recibir una caricia, sentirla como caricia y no como manoseo” (FOLDER, 2012).

A violação sexual foi uma das torturas que aparece em quase todos os testemunhos, relatos, depoimentos de ex-presas políticas e exiladas (BOCCANERA, s/d). E quase tão duro quanto a violação naquele momento parece ser hoje, para algumas mulheres, o fato de prestar depoimentos nos tribunais que julgam os torturadores. Nesse sentido, é importante lembrar o caso argentino: A Lei 23.492, chamada de *Punto Final*, promulgada em 1986, declarou a prescrição de ações penais contra os imputados como autores penalmente responsáveis de haver cometido desaparecimento forçada de pessoas, detenções ilegais, torturas, assassinatos. A Lei n.º 23.521 chamada de *Obediencia Debida*, de 1987, presumia a atuação em virtude da denominada "obediência devida", conceito militar segundo o qual os subordinados se limitam e são obrigados a obedecer a ordens emanadas de seus superiores. A Lei 25.779, sancionada em 2003, declarou a nulidade das leis *Punto Final* e *Obediencia Debida*. Atualmente, ex-presidentes, militares, torturadores estão sendo julgados pelos tribunais argentinos por suas arbitrariedades durante a ditadura militar de 1976 – 1983. No Uruguai, em 1986, a Lei no. 15.848 concedia anistia aos militares e agentes “da ordem” durante a ditadura civil militar de 1973 – 1985; porém em 2011 foi aprovada a Lei no. 18.831 que considerou imprescritíveis os delitos de lesa humanidade, e, em fevereiro de 2013, a Corte Suprema do Uruguai declarou a inconstitucionalidade da Lei 18.831. No Brasil, somente em 2011 foi sancionada, pela presidenta da República, a lei que institui a Comissão Nacional da Verdade, instalada oficialmente em 16 de maio de 2012, com o objetivo de investigar as violações dos direitos humanos durante a ditadura militar de 1964 – 1985.

A reabertura de processos judiciais por crimes cometidos durante o período de terrorismo de Estado tem colocado em evidência a violência perpetrada contra as mulheres e que provoca traumas ainda hoje, em alguns casos passados quase 40 anos, difíceis de serem superados:

[...] volver a los tribunales a “ratificar todo eso e contarlo”. Apesar del tiempo transcurrido, de la asistencia recibida y de la “explicación teórico-política” que hoy pueden hacer sobre esos hechos, volver sobre la experiencia es algo que aun les duele (MEMORIA ABIERTA, 2012, p. 88).

A própria fotógrafa Paula Luttringer, em entrevista, declarou o quão duro foi recompor-se após as torturas: “*Una de las grandes dificultades que tuve cuando me liberaron fue entender cómo y qué hacían los otros de mi edad para estar en la normalidad... yo quería ser como los otros, estar en la vida como los otros*” (LUTTRINGER, 2012).

O desejo de estar na vida normal como os outros, a tentativa de recompor-se durante ou após a prisão ou o exílio, de reincorporar-se ao cotidiano de suas vidas, aparece em vários romances e depoimentos de escritoras que sofreram reveses durante as ditaduras militares que se impuseram nos países do Cone Sul na segunda metade do século XX.

Para a escritora Alicia Partnoy “*La escritura era una forma de resistir a la destrucción y los militares lo sabían bien, por eso hacían razzias, se llevaban los cuadernos y nos sancionaban*” (BOCCANERA, s/d, p. 56). A escritora nasceu em Baía Blanca, Argentina, em 1955; por militar no *Movimiento Juventud Peronista*, foi sequestrada em janeiro de 1977, presa em diferentes locais entre os quais o local conhecido como *La Escuelita* e até fins de 1979 ficou à disposição do *PEN – Poder Ejecutivo Nacional*, quando conseguiu se exilar; vive atualmente em Washington, EUA.

Nos diferentes romances, por vezes com páginas verdadeiramente preciosas na arte da ficção e propostas inovadoras na linguagem, registra-se a denúncia das atrocidades cometidas pelos agentes dos governos; percebe-se como a relação homem-mulher interferiu entre os que foram presos e os que ficaram “em liberdade”; as relações familiares; as estratégias desenvolvidas para resistir às ditaduras; a maneira como as torturas, repressões, prisões, desaparecimentos, marcaram a vida cotidiana de várias pessoas inclusive de algumas que não tinham envolvimento direto com a militância política. O cotidiano que, em diferentes circunstâncias, deixou de ser considerado pela compreensão histórica, fica registrado nas páginas das ficções. Por exemplo, as crises pessoais, os conflitos emocionais, as decisões individuais tomadas ao acaso ou no calor da hora e cuja repercussão atuou num coletivo amplo e até definidor de reivindicação social ou política. O registro que aparece nos romances sobre as práticas cotidianas dos militantes que fizeram oposição e resistência aos governos pode servir como importante instrumento de análise do período ditatorial.

Assim que ocorreram os golpes de Estado que instalaram ditaduras civil/militares no Cone Sul, os governantes trataram de eliminar aqueles que se manifestaram contrários: foram proibições, censuras, prisões, torturas, desaparecimentos, mortes, exílios. No cenário internacional da então chamada Guerra Fria, os países do Cone Sul – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai – foram situados sob o influência/controlado dos EUA (isto é, do capitalismo); naquele período, ou seja, anos 50/60, estes países, à exceção do Paraguai, viviam o “nacional-desenvolvimentismo”. Principalmente na década de 60, estavam em pleno desenvolvimento políticas públicas na educação, universidades, literatura, música, cinema, teatro. Foi naquele período que a literatura, a pintura, a música latino-americana começou a ter grande reconhecimento internacional, não apenas com nomes isolados de um ou outro artista, mas como movimentos coletivos, como perspectivas nacionais. Com a desculpa do “perigo vermelho” – a ameaça de que a ideologia comunista sob a égide da então URSS, da China e de Cuba invadisse as mentes e os corações da população –, os militares dos países do Cone Sul, com apoio dos EUA e parcelas da sociedade civil, provocaram golpes de estado que adotaram outros rumos sociais e políticos: proibiram partidos políticos, fecharam ou controlaram o poder Legislativo, mudaram currículos escolares, instalaram a repressão com prisões, mortes e impondo exílios. Sindicalistas, estudantes, artistas, professores, jornalistas, operários, livreiros, políticos, às vezes simplesmente parentes, amigos, vizinhos ou meros conhecidos de trabalhadores que se envolveram na resistência aos novos regimes políticos, tiveram casas invadidas, privacidades dilaceradas.

As escritoras foram duramente atingidas.

Paradoxalmente, a partir dos anos 60 começou um período de grande reconhecimento internacional das literaturas latino-americanas. Neste reconhecimento, as escritoras ocuparam pequeno espaço: Ainda que muitas tenham surgido neste período e outras tantas tiveram publicações traduzidas em várias línguas e algumas inclusive contempladas com importantes prêmios literários, os “grandes sucessos” de vendas foram dos escritores. Entre 1960 e 1990, apenas uma escritora do Cone Sul obteve grande repercussão internacional: a chilena Isabel Allende (*La casa de los espíritus*, 1982); em menor escala e um pouco mais tarde, a também chilena Marcela Serrano (*Nosotras que nos queremos tanto*, 1991).

Naturalmente, não se trata de desmerecer os maravilhosos romances dos escritores do período, mas simplesmente de acentuar a ausência das escritoras.

O campo da literatura, tal como o da política, foi, durante quase toda a história da humanidade e em todas as diferentes sociedades que desenvolveram a escrita, um campo de predominância masculina: escrever assim como exercer cargos nos poderes político e econômico foram atividades preponderantemente exercidas por homens. O cânone literário e político, no caso ocidental, foi demarcado pelo homem, branco e de classe média e alta. Apenas a partir do século XIX o discurso literário, assim como a participação política, começou a se democratizar, com a multiplicação de leitores/as e eleitores. No século XX, ampliou-se o horizonte também das (e)leitoras e das escritoras. Estudando as interlocuções entre gênero, identidade e literatura a partir dos romances de algumas escritoras, Marcia Hope Navarro considera que eles possibilitam “penetrar na dimensão oposta do olhar hegemônico, ou seja, parece que sua ficção aprendeu a dialogar e a, efetivamente, tentar diminuir as assimetrias de poder nas relações entre os gêneros” (NAVARRO, 2006, pg. 85). Desse modo, percebe a autora, através dos romances analisados é possível “romper a visão unilateral das práticas discursivas e hegemônicas permitindo às categorias marginalizadas latino-americanas encontrarem sua própria identidade” (*idem*, pg. 97).

A profissão de escritora contempla, por definição, o exercício da palavra escrita. Ainda que em nossos países do Cone Sul, no período em estudo, a prática de escritura e de leitura (mais ainda a leitura de romances escritos por mulheres) tenha sido restrita a pequenas parcelas da população (para conferirmos isto basta averiguar a pequena tiragem das obras literárias escritas por mulheres); ainda que a crueldade da repressão aplicada sobre as escritoras fosse tão terrível que escrever naqueles dias possa ter tido uma intenção de puro e simples desafogo; ainda que as forças da censura e da repressão tenham baixado sobre a palavra e o corpo; ainda assim os romances se constituíram num vigoroso veículo de circulação de ideias e de registro que nos permite tentar compreender como era o cotidiano e a militância política de oposição e resistência durante ditaduras no Cone Sul. Os governos censuraram e proibiram livros, bibliotecas públicas e privadas, jornais, revistas, editoras, livrarias, atingindo também escritoras/es e leitoras/es. Milhares de livros foram queimados, por vezes em praças públicas, inevitavelmente lembrando cenas da “santa inquisição” e, associando a um passado mais recente, cenas do nazismo

alemão. Evidentemente, foram atingidos os livros e autores considerados perniciosos, perigosos, contrários aos princípios políticos, morais, religiosos que os governantes propugnavam.

Escritoras argentinas

Os militares governaram a Argentina durante cerca de três décadas: de 1966 a 1973 e de 1976 a 1983. Os estudiosos do período não se arriscam a estabelecer o número de pessoas mortas, desaparecidas, exiladas. Alguns pesquisadores estabelecem a cifra de 30.000 pessoas (só no último período), em operações militares que foram verdadeiros massacres, por vezes atingindo vários membros de uma mesma família, como ocorreu com o escritor e cartunista Hector Oesterheld e suas jovens filhas Estela, Diana, Beatriz e Marina, todos assassinados pelos repressores.

Em uma obra fartamente documentada, *Un golpe a los libros – Represión a la cultura durante la última dictadura militar*, os pesquisadores argentinos Judith Gociol e Hernán Invernizzi revelam e desvelam a muito bem planejada e executada destruição de livros, censura de bibliotecas e autores, controle de publicações. Para além das anedotas hilariantes – algo como o caso de um livro de Matemática censurado porque trazia a palavra Cuba no título –, os autores defendem que a ditadura atuou de forma planejada, nada casual: “... *la estrategia hacia la cultura fue funcional y necesaria para el cumplimiento integral del terrorismo de Estado como estrategia de control e disciplinamiento de la sociedad argentina*” (GOCIOL; INVERNIZZI, 2007, p. 23). Para se delinear uma ideia de como era cuidadosamente planejada a ação dos militares na prática de censura, apenas um dos arquivos consultados pelos autores consistia em mais de 600 documentos, em torno de 4000 páginas, só relacionados à área cultural (*idem*, p. 26).

A Argentina parece ter sido o país do Cone Sul com um maior número de escritoras no perfil em estudo. Sem pretender citar todas, podemos referir Alicia Partnoy, Victoria Azurduy, Luisa Valenzuela, María del Carmen Sellato, María Branda, Marta Vassallo, Nora Strejilevich, Sara Rosenberg, Griselda Gambo, Tununa Mercado, Cristina Feijóo, Liliana Hecker, Susana Piri Lugones, Gloria Wilson, Marta Prioli, Elsa Osório.

A escritora Alicia Kozameh, nasceu em Rosário, em 1953. Por ter sido militante do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, ficou, de fevereiro de 1977 a dezembro de 1978, em Villa Devoto, juntamente com outras 30 mulheres presas políticas; quando solta, conseguiu partir para o exílio. Vive atualmente em Los Angeles, EUA. Durante a prisão, ela escreveu uma obra que posteriormente reuniria como *Cuadernos de la Cárcel*. Sobre esses escritos, ela diz “*Mis dos cuadernos escritos en la cárcel son algo de lo que jamás he podido desprenderme. Ni siquiera lo habría intentado. Como, digamos, con un órgano del cuerpo*” (BOCCANERA, s/d, p. 13). Sobre a importância da mediação da literatura para refletir sobre o período de prisão, ela diz:

Si tuviera que escribir un testimonio directo de los años dictatoriales, o de mi propia experiencia durante esa época, posiblemente lo haría aunque a costo de enfermarme seriamente. La mediación de la ficción, lo que ya sabemos que es la distancia establecida por el juego/trabajo ficcional, por la idea de que los personajes no son uno mismo, me salva (idem).

No romance *Pasos bajo el agua*, a narradora conta esses dias de prisão, o cotidiano de gestos corriqueiros, situações cotidianas como o de recusar-se a emprestar uma jaqueta que adquire instâncias definitivas porque a jaqueta representa abrigo para além do frio, é uma consciência de si, da dura situação vivida na prisão, da resistência mesma aos desmandos dos oficiais.

A escritora Liliana Heker, nascida em Buenos Aires em 1943, esteve presa várias vezes, nunca se exilou e vive atualmente em Buenos Aires. Entre outros livros publicou *El fin de la historia*, romance no qual a personagem principal tenta escrever a trajetória de sua melhor amiga de infância e juventude que tornara-se uma importante militante de esquerda; presa e torturada, esta amiga aos poucos passa a cooptar e colaborar com os torturadores e mesmo a se envolver amorosamente com um deles. Sem fazer pré-julgamentos, a narradora tenta contar a trajetória e entender a conduta da amiga, o tortuoso caminho que a levou de líder revolucionária de esquerda a colaboracionista e defensora da ditadura. O romance possibilita uma reflexão sobre os casos que ocorreram de presas políticas que, sob tortura, acabaram por entregar companheiros, cooptar com o regime.

Elsa Osório nasceu em Buenos Aires, em 1952. Viveu sua juventude sob o regime militar. Em 1991, já sob a democracia, publicou o *A veinte años, Luz* onde retrata o doloroso processo de uma jovem que descobre ser filha de uma prisioneira

política que fora assassinada logo após dar à luz, a cruel prática dos repressores de sequestrar bebês recém-nascidos nas prisões e dá-los a famílias, muitas vezes de militares, onde eram criados como filhos verdadeiros. O romance – traduzido para o finlandês, português, francês, alemão, italiano, sueco – evidencia a intrincada rede de sentimentos de jovens argentinos que, a partir de fins dos anos 80 e inícios dos 90, descobriram não serem filhos daqueles que julgavam seus pais e sim de presas políticas assassinadas logo após o parto. Em 1995 foi criada em várias cidades argentinas a associação HIJOS, que se ocupa de buscar e recuperar essas pessoas a partir de depoimentos de amigos e familiares de mulheres que estavam grávidas quando foram presas, e principalmente a partir dos trabalhos da associação das *Madres y Abuelas de La Plaza de Mayo*.

A escritora Cristina Feijóo nasceu em Buenos Aires, em 1944; presa duas vezes, 1971 e 1973, depois entre 1976 e 1979, exilou-se na Suécia e retornou a Buenos Aires em 1983, onde vive atualmente. Seu romance *Memorias del río inmóvil*, escrito em 1999, retrata os conflitos de uma mulher recém chegada do exílio, suas incertezas nas relações com os amigos, com perspectivas profissionais, com seus amores, com a lembrança de amigos que foram mortos durante a ditadura.

Tununa Mercado nasceu em Córdoba, em 1939. Durante a última ditadura na Argentina, Mercado exilou-se no México onde viveu até 1983; reside atualmente em Buenos Aires. No exílio, participou da organização de recepção a outros exilados, de manifestos, passeatas, conferências e outros eventos que denunciavam as ditaduras no Cone Sul (BERNETTI; GIARDINELLI, 2002). Em 1990, Mercado publicou *En Estado de Memoria*, dezesseis relatos curtos que recuperam pessoas, associações de resistência no exílio, reencontros e desencontros no retorno do exílio, fraturas da memória permanentes num fluxo de perdas, horrores, esperanças, paralisias e acelerações de um retorno inelutável.

A escritora Susana Piri Lugones foi sequestrada aos 52 anos de idade, em dezembro de 1977. Ainda que não se tenha comprovado a data, estima-se que seu assassinato ocorreu em 17 de fevereiro de 1978. Um levantamento realizado em 2001 pela *Sociedad de Escritoras y Escritores de la Argentina*, revela o nome de 82 autores desaparecidos ou vítimas da violência de Estado, dentre os quais 23 eram mulheres (GOCIOL; INVERNIZZI, 2007, pp. 276 - 278).

Escritoras bolivianas

O período ditatorial na Bolívia iniciou em 1964 e prolongou-se até 1982, com uma série de generais que governaram o país e por vezes provocaram golpes no próprio seio das Forças Armadas.

Recentemente, pesquisadoras bolivianas, como Mary Lucia Garcia (2008) e Ana Rebecca Prada (2011), tratam de resgatar a produção de mulheres escritoras, embora não se atenham apenas ao período ditatorial. Um livro que teve repercussão internacional à época foi *Si me permiten hablar*. Trata-se de uma série de depoimentos que a mineira e ativista de direitos humanos Domitila Barrios de Chungara (Potosi, 1937 - Cochabamba, 2012) prestou à socióloga brasileira, então exilada no México, Moema Viezzer (VIEZZER, 1978); falas em que são reveladas a truculência da ditadura, as vicissitudes na luta para sobreviver nas minas, a importância da igualdade entre os sexos. Domitila foi presa e espancada por várias vezes, foi exilada, percorreu diversos países denunciando a ditadura e defendendo os direitos das mulheres e dos trabalhadores.

A escritora Gaby Vallejo Canedo, nasceu em Cochabamba, em 1941, cidade onde vive atualmente. Publicou *Los Vulnerables* em 1973, e *Hijo de Opa* em 1976, em plena ditadura. Em uma entrevista, questionada sobre as razões de ter escrito *Hijo de Opa*, ela respondeu:

El libro nació del dolor y del miedo de un país en dictadura. Fue la rabia el principal motor de la escritura. Había muchos muertos, muchos torturados. De ahí la violencia, la fuerza, el horror de las páginas. Opa, en Bolivia es un insulto que lleva la connotación de persona retardada mental (VALLEJO, 2007).

Em *Hijo de Opa*, um dos personagens principais, Martín, filho de uma camponesa indígena “mentalmente perturbada” (*opa*, em espanhol) que fora violentada por um fazendeiro, se torna um líder camponês perseguido pelo governo militar. Juan José é filho legítimo do mesmo fazendeiro, se torna grande proprietário de terras e chefe de um grupo paramilitar que dá sustentabilidade ao governo golpista. Os irmãos se enfrentam em campos opostos. Ao mesmo tempo em que retrata a família fragmentada pela violação da mulher e expulsão da terra que lhe proporciona o alimento, o romance pode ser visto como metáfora do país, fraturado pela violência

de governos ditatoriais cujos membros eram parte de uma elite econômica branca e corrupta.

Escritoras brasileiras

No Brasil, a ditadura militar iniciou em 1964 e durou até 1985. Num primeiro momento, de 64 a 68, ainda ocorreram manifestações, passeatas, protestos contra o governo ditatorial. A partir de dezembro de 1968, a imposição do Ato Institucional n. 5 instaurou um período de terror, com centenas de prisões, assassinatos, exílios; implantou a censura com proibição a obras e perseguição a seus autores, destruiu livrarias, prendeu editores, tornando-se dos mais cruéis períodos da vida republicana no país (SILVA, 2010, pg. 18). Sandra Reimão estudou obras e autores que foram proibidos, bem como livrarias e editores que fizeram resistência à ditadura. Do levantamento que a autora fez de romances censurados, constam apenas três autoras e, mesmo assim, foram proibidas pelo teor pornográfico de seus romances (REIMÃO, 2011, pp. 125 - 128). Ao concluir seu estudo, Reimão acentua a importância de uma verdadeira

[...] legião de anônimos – pequenos e médios editores, impressores e livreiros que, no limite de seus campos de ação, atuaram com dignidade e em prol da liberdade, mesmo em tempos sombrios. Não nos esqueçamos de incluir os leitores nessa silenciosa legião de pessoas que, com pequenos atos, buscaram preservar os direitos humanos essenciais nas adversidades – pois, lembremos, em certos momentos, até mesmo comprar, carregar e guardar alguns livros podia ser perigoso (REIMÃO, 2011, p. 120).

Entre as escritoras que criticaram os governos ditatoriais sem serem censuradas ou terem enfrentamentos, podemos citar Lygia Fagundes Teles. No romance *As Meninas*, Lygia Fagundes Telles aborda o cotidiano de três jovens universitárias que vivem num internato de freiras; uma delas milita em grupos de esquerda e, apesar de descrever uma sessão de tortura o livro, não foi censurado e inclusive foi premiado pela Academia Brasileira de Letras. Poderíamos entrever, nessa premiação, um repúdio aos desmandos dos militares?

A escritora Tania Faillace, nasceu em 1939, na cidade de Porto Alegre, onde vive atualmente. Durante a ditadura, trabalhou como jornalista em diversos jornais gaúchos, foi ameaçada inúmeras vezes em razão das coberturas jornalísticas que realizava. Seu livro *Vinde a mim os pequeninos*, publicado em 1977, traz uma série

de contos que parecem envoltos em uma névoa de entrelinhas, do não dito porém implícito. No conto *Resolução de ano novo*, em duas páginas a autora traça toda uma atmosfera velada do clima ditatorial que atravessava o país. Na edição, alguns dos desenhos da autora remetem à violência militar, como uma bota que esmaga pernas e braços de pessoas.

A escritora Ana Maria Machado, nascida no Rio de Janeiro, em 1941, foi presa em 1969; quando libertada, partiu para o exílio; voltou ao Brasil em 1972. No Brasil, publicou em 1981 *De olho nas penas*, onde aborda as experiências do exílio a partir de um universo infanto-juvenil. Em 1988, publicou *Tropical sol da liberdade*, romance que problematiza os conflitos amorosos e políticos de uma mulher e ao mesmo tempo registra inúmeros acontecimentos que nem sempre constam das fontes ou dos documentos oficiais. A título de exemplo, as cerca de três páginas que narram a participação popular no que era para ser apenas o enterro de um jovem estudante assassinado pela polícia: como o enterro se transformou numa enorme manifestação, como os transeuntes, moradores de edifícios, comerciantes, passageiros de coletivos saltavam para participar do já então protesto. A paranoia de viver no exílio, sem saber como seria o dia seguinte; o terror de quem estava no país, à mercê de ser preso a qualquer momento. O romance mostra diferentes momentos corriqueiros que as pessoas viviam quando a repressão baixava:

Era preciso viver cada hora com todos os seus minutos e segundos, todas as providências miúdas do cotidiano misturadas, sem qualquer possibilidade de selecionar apenas os fatos que quisesse privilegiar. Quando vieram prendê-la, por exemplo, ela estava fritando um bife. Teve que pensar na carne que queimava na cozinha se não apagasse o fogo. E, antes de ser levada, lembrar de desligar a vitrola (MACHADO, 2005, p. 269).

Ainda que geralmente lembrada como deputada e militante, Heloneida Studart (Fortaleza, 1932 – Rio de Janeiro, 2007) escreveu *O Pardal é um pássaro azul* em 1975, em plena ditadura. Ela foi eleita, em 1966, presidente do Sindicato das Entidades Culturais; foi presa em 1969 por fazer oposição ao governo militar, foi fichada, perdeu emprego; foi também uma das fundadoras da primeira entidade feminista do Brasil, o Centro da Mulher Brasileira, em 1975, e do Centro Estadual dos Direitos da Mulher. Em *O Pardal é um pássaro azul* – parte do que a autora denominava “trilogia da tortura”, com os livros *O torturador em romaria* e *O estandarte da agonia* –, a autora narra a trajetória e as vicissitudes de João e

Marina, membros quase desgarrados de uma família rica da Paraíba. Percebemos a sutileza da autora para burlar a censura em passagens como: “– Que é que você está lendo? Perguntou [a mãe]. – Ah, é uma história aí de estripador... Tem brumas, gerânios, ferro de lareira, mordomos. Nada a ver conosco”. Ou ainda na passagem: “– Por que você está chorando, moça? [pergunta uma criança à Marina]. Eu estou chorando? Ultimamente as lágrimas me descem pelo rosto e não as sinto mais”. João fora preso por pichar nos muros da cidade a frase “O pardal é um pássaro azul”. Ele vivia mostrando a Marina o que era a penúria, exposta pelas ruas da cidade, e vivia também falando de certo “pesadelo unânime” que invadia vários países da América Latina, mas que Marina não apreendia muito bem; ela fora criada no mundo da avó que repetia sempre: “Mulher não tem querer. Nem negro, nem pobre” (STUDART, 1981).

Escritoras chilenas

No Chile, o golpe militar de 11 de setembro de 1973 instalou um general que permaneceu na presidência até 11 de março de 1990. Já nos primeiros meses do governo militar, uma sangrenta repressão assassinou centenas de artistas, operários, políticos, estudantes, professores; prendeu, torturou e obrigou ao exílio milhares de chilenos e chilenas; instalou uma cultura do medo, da autocensura e da exclusão.

Segundo Raquel Olea,

Escribir en dictadura, para las poetisas y narradoras chilenas, significó el doble gesto político-cultural de interrogar al poder del autoritarismo militar, a la vez que poner activamente en escena la diferencia sexual en la producción de textos (OLEA, 1998, p. 11).

A escritora Diamela Eltit nasceu em 1949, em Santiago do Chile, onde mora atualmente. Participou do *Colectivo de Acciones de Arte*, grupo de artista que, sob a ditadura, buscava intervir no espaço urbano. Em 1983, a autora publicou *Lumpérica*, um livro que transita entre o ensaio, a poesia, o romance, as artes plásticas. A ação se dá numa praça, onde tudo acontece:

El sacramento en la Plaza, la borradura del pasado y esos mismos – el lumpério de la ciudad – se convulsionam para submergirse em su centro,

para ser tocados em la testa que se doblega em el cemento, suplicantes, con la saliva que cae y los ojos enrojecidos por el escandalamiento. Estos mismos desharrapados que se llevan las manos al pecho y sienten com dulzura los latidos de su corazón (ELTIT, 2008, p. 33).

Como já está expresso no próprio título, os personagens são os *lumpens* chilenos, os excluídos, marginalizados, bêbados, desempregados, prostitutas, também os perseguidos pela ditadura, trazidos ao centro da praça que pode ser também o país. O livro está visceralmente comprometido contra a ditadura militar chilena.

A escritora e cineasta Carmen Castillo, nasceu em Santiago do Chile, em 1945. Presa em outubro de 1974, pouco depois se exilou primeiro na Inglaterra e depois na França, onde vive atualmente. Em 1979 escreveu *Un dia de octubre en Santiago* onde relata os primeiros meses da ditadura, as torturas aplicadas aos sequestrados e fragmentos da vida no exílio.

Marcela Serrano nasceu em Santiago do Chile, em 1951. Partiu para o exílio logo após o golpe de Estado, em 1973, retornando em 1977, onde reside atualmente. Seu romance *Nosotras que nos queremos tanto*, publicado em 1991, traz uma visão feminista da história. Quatro amigas, Maria, Sara, Isabel e Ana que se reúnem numa casa às margens de um lago, e, a partir de suas trajetórias cotidianas, desenvolve-se uma acurada reflexão sobre o período ditatorial, sobre as lutas feministas, sobre paixões e profissões, sobre as cicatrizes e as suspeitas de vidas marcadas por imposições, por censuras, por medos.

Escritoras paraguaias

Em 1954 o golpe militar no Paraguai colocou um general na presidência que permaneceu até 1989. Foram trinta e quatro anos de controle total sobre os partidos políticos, as escolas, a imprensa, a produção artística.

A cena literária no Paraguai foi muito peculiar: qualquer romance que insinuasse o menor tom “político” não tinha espaço diante do rígido e mais longo governo ditatorial do Cone Sul. Os escritores paraguaios estavam marcadamente divididos entre os que viviam/escreviam no exílio e os que ficaram no país em controle absoluto. Em decorrência das políticas públicas, havia poucos leitores, poucas editoras, poucas publicações, poucas universidades e escolas. Somado a

esse cenário em maior ou menor escala comum aos demais países, acresce que no Paraguai a maior parte da população fala guarani e as manifestações literárias nesta língua foram sistematicamente reprimidas (BAREIRO SAGUIER, 1978). Além do mais, segundo os estudiosos da literatura paraguaia “*Poca importancia se ha dado a la presencia femenina en la literatura paraguaya hasta bien entrado los años ochenta, sobretudo en la literatura*” (ALCALÁ; BARCÓ, 2003, p. 2). De modo que naquele período, as raras escritoras publicaram apenas o que lhes foi permitido pela censura e foi somente em fins da ditadura que elas começaram efetivamente a distinguir-se.

A escritora e poeta Renée Ferrer nasceu em 1944, em Asunción, onde vive atualmente. Em 1988, publicou seu primeiro romance *Los nudos del silencio*, onde a partir de uma viagem ao exterior, um casal começa a descobrir-se diferente em suas opções triviais, como a escolha do espetáculo que cada um prefere assistir até a profundidade de uma relação dominada pelo autoritarismo e submissão, pelos “nós” que obrigavam a mulher a silenciar-se. Marcado por uma abordagem feminista, o romance situa o contexto da ditadura militar, a opressão vivida pelas mulheres tanto na família quanto na política.

Escritoras uruguaias

A ditadura no Uruguai se estendeu de 1973 a 1985. Governos ora civis, ora militares, proibiram partidos políticos, prenderam, torturaram, assassinaram opositores ao regime; censuraram jornais, livros, as artes e a cultura.

Segundo Renée Scott, durante os 12 anos de ditadura,

[...] las escritoras – al igual que los escritores y los intelectuales – cuya voz y tono contradecía abiertamente la de los militares se encontraron subitamente en una situación en que perseguidas o excluidas, ló que las llevo a dismular sus inclinaciones políticas, y a cambiar la función y el tono de sus textos, fenómeno conocido como la “autocensura” (SCOTT, 2002, pp. 7 - 8).

Escritora, dramaturga e ensaísta, Mercedes Rein (Montevideu, 1931 – 2006) teve prisão domiciliar por três meses em 1974; era professora de Literatura Hispano-americana quando foi destituída do cargo por razões políticas em 1976. Ela permaneceu no Uruguai, seguiu escrevendo sempre, porém sem publicar. Com a

redemocratização do país, publicou *La casa vacía* (1984), *Bocas de Tormenta* (1987) e *El Archivo Soto* (1993), romances em que percorrendo o universo do fantástico, do fabuloso, está presente a realidade social e política de seu país.

Sylvia Lago nasceu em Montevideu em 1932. Livros seus foram tirados de circulação e a editora que os publicou foi destruída pela repressão. Ligada a escritores que tiveram que exilar-se, todavia ela permaneceu no país, sem publicar. Em 1984 publicou *El corazón de la noche*, livro onde reúne seis contos que refletem situações cotidianas: uma professora recebe a notícia da morte de Che Guevara; o enterro de um companheiro assassinado pelos militares; uma tarde passada na praia e as conversas entre uma mãe ex-presa política e sua filha nascida na prisão e criada pela tia; um médico perseguido por sua vinculação com a guerrilha. Em *Salto mortales* (2000), a autora desenvolve a trama de uma jovem cujo avô poeta suicidou-se, o pai apoia a ditadura e ela, a personagem, é revolucionária – presumivelmente um paralelo com a escritora Susana Piri Lugones cujo avô poeta, Leopoldo Lugones, suicidou-se; o pai foi torturador a serviço da ditadura argentina; ela e seu companheiro Rodolfo Walsh foram mortos pela ditadura argentina.

A poetisa e escritora Cristina Peri Rossi nasceu em 1942, em Montevideu. Partiu para o exílio na Espanha em 1972, onde vive até hoje. O romance *El libro de mis primos* (1969) expõe os conflitos de uma tradicional oligarquia uruguaia, os comprometimentos com o regime autoritário dos anos 60 e com a resistência ao mesmo através da guerrilha urbana, principalmente na organização dos Tupamaros (movimento guerrilheiro que atuou nos '60 e '70 no Uruguai). Na série de contos/relatos *La tarde del dinosaurio* (1976), com Peri Rossi já vivendo na Espanha, no conto que dá título ao volume, uma criança sonha com um terrível dinossauro que devora os banhistas, instala o terror, semelhante ao que os repressores estão fazendo com as vidas das pessoas. No romance *La nave de los locos* (1984), o personagem Equis (X) percorre grandes e pequenas cidades, num exílio permanente, dialogando com presos políticos, loucos, prostitutas, viagens que iniciaram a partir do famoso Tapete da Criação (peça românica do século XI que se encontra na Catedral de Gerona, Espanha).

A escritora Teresa Porzecanski nasceu em 1945, em Montevideu, cidade onde vive até hoje. Havia publicado alguns livros antes da ditadura se instalar no Uruguai, em 1973. Nos treze anos de governo militar, publicou apenas três livros, um dos quais o livro de contos *Construcciones* (1979). As tramas envolvem os

cotidianos de personagens como costureiras, conversas entre vizinhas de bairro, empregadas domésticas. *Construcciones* em conjunto com *La invención de los soles* (1981) e *Una novela erótica* (1986), compõem a “tríade da ditadura” no conjunto da obra da autora. Em entrevista, Teresa Porzecanski se refere à sua produção literária do período considerando que o regime autoritário

Influyó bastante porque yo estaba en un momento de descubrir un estilo de escritura y no se podían hacer reuniones culturales, uno trabajaba solo. Entonces fue que empecé a problematizar el tema del lenguaje. No quería escribir consignas, quería escribir una literatura más compleja. Todo lo que está en Construcciones fue escrito durante la dictadura o en los años un poco anteriores. Son cuentos sumamente simbólicos, metafóricos, donde se va gestando toda una forma de escribir (PORZECANSKI, s/d s/p).

Para além das fronteiras

A Operação Condor foi uma ação conjunta dos países do Cone Sul para reprimir opositores aos regimes ditatoriais. Agindo em comum acordo, os órgãos repressores prenderam e assassinaram centenas de pessoas, levando-as de um país a outro, torturando, sequestrando, sem o menor respeito aos direitos elementares do ser humano. Registrar em romances, denunciar em manifestos e passeatas, prestar testemunhos foi quase uma “obrigação” para muitas escritoras, como expressou Alicia Kozameh: *“El testimonio, producirlo, es un deber de todos los que hemos pasado por cualquier experiencia relacionada con la represión, y no solo política”* (BOCCANERA, s/d, p. 13)

Há uma escritora que de certo modo “dissolve” o espaço geográfico dos países do Cone Sul, tanto em sua trajetória de vida quanto em um romance: Marta Traba e seu livro *Conversación al Sur*. A autora nasceu em Buenos Aires em 25 de janeiro de 1930, morreu em Madrid em 27 de novembro de 1983. Morou na Colômbia (conseguiu obter nacionalidade colombiana pouco antes de morrer) Uruguai, Venezuela, Porto Rico, EUA, Espanha e França. Mais (re)conhecida como crítica de arte, publicou vários livros e artigos, foi professora de Arte Latino-americana. *Conversación al Sur* teve primeira edição em 1981. A ação se dá no transcorrer de uma tarde e uma noite, numa casa à beira-mar, em Montevidéu, em setembro de 1973, nas conversas entre duas personagens: Irene e Dolores. Irene, artista argentina que vive em Atlanta, EUA, já vivera em vários países, inclusive

Uruguai, onde ainda tem a casa na qual se desenrola a ação. Ela viera a Montevideu justamente para ficar “mais próxima” do filho e sua companheira que estavam no Chile no dia 11 de setembro de 1973, dia do golpe de Estado, e dos quais não consegue obter notícias. O temor aparece já na primeira frase do romance:

Se estremeció al oír el timbre. No esperaba a nadie y su primer impulso fue quedarse inmóvil, hasta que se fuera el que llamaba. Podía ser un vendedor, o alguien equivocado de puerta. Pero, y si le traían alguna noticia? (TRABA, 2003, p. 7).

Um simples soar de campainha poderia ser motivo de terror absoluto, naqueles tempos, mesmo entre os que não estavam diretamente envolvidos com a esquerda. Quem tocava era Dolores, jovem a quem Irene conhecera anos antes na agitada vida artística de Montevideu. Irene participava de atos de resistência à ditadura do Uruguai, instalada em 27 de junho de 1973, portanto poucos meses antes do golpe no Chile. As duas mulheres rememoram seus passados entre Montevideu, Santiago, Buenos Aires, mostrando a conexão entre os militantes de esquerda nessas cidades. A subjetividade de ambas destrocada pelo medo da repressão política, elas procuram se amparar, conversar, sobreviver à noite que custa a passar, até que golpes brutais contra a porta desesperam-nas, botas enfurecidas que invadem a casa. Por segundos, silêncio absoluto em que se ouve apenas o prosaico ruído da geladeira funcionando, e em seguida o outro barulho, maior, as paralisas e o romance conclui com uma frase que sintetiza um cenário também trivial, durante a ditadura: “*En ese silencio absoluto, el otro ruido, nítido, despiadado, fue creciendo y, finalmente, las cerco*” (TRABA, 2003, p. 170). No transcorrer da tarde/noite vivido pelas duas mulheres e desenvolvido nas páginas do romance, transborda o peso da angústia cotidiana sobre duas mulheres plenas de paixão, mas exauridas pelo pavor da ditadura militar uruguaia, chilena, argentina.

Através dos romances, depoimentos e entrevistas das escritoras, podemos apreender certas marcas que os governos repressores deixaram. Entre as formas encontradas pelas mulheres para resistir, a literatura revela-se uma saída importante, no cenário complexo e controverso, não apenas pelas repressões aplicadas pelos órgãos repressores, mas em diversas situações no interior da própria esquerda (PEDRO; WOLFF, 2010).

Podemos identificar quatro circunstâncias relacionadas às escritoras que fizeram oposição: as que foram mortas ou “desaparecidas”; as que foram presas e exiladas (dessas algumas escolheram voltar aos seus países após a redemocratização enquanto outras optaram por seguir vivendo no exterior); as que foram presas e posteriormente soltas e permaneceram em seus países; as que permaneceram nos seus países sem sofrerem reveses, valendo-se de variadas estratégias (inclusive estilísticas) para publicarem seus romances. A resistência das escritoras aos governos ditatoriais se deu de muitas maneiras: organizando passeatas, manifestações, buscando apoios de governos de outros países, denúncias dos crimes cometidos pelos agentes da ditadura, e, claro, escrevendo romances. Através da leitura dos romances dessas escritoras – que abordam tanto as formas de organização da resistência, dos sofrimentos, conflitos, situações muitas vezes enlouquecedoras, as subjetividades, as torturas, o sequestro de bebês nascidos na prisão –, temos acesso à possibilidade de compreensão do que foram os regimes ditatoriais de uma maneira que muitas vezes não “aparece” nas fontes oficiais, nos documentos de época, nem mesmo nos jornais ou depoimentos.

Naturalmente não cabe homogeneizar cenários tão complexos quanto a relação da escritora com uma literatura feminina ou com o feminismo na época ditatorial em realidades tão cruéis e, por vezes, tão subjetivas a cada uma das escritoras vivendo sob ditaduras militares nos distintos países do Cone Sul. Mas muitas situações vividas foram comuns, como ironizou numa Conferência em meados dos anos '70, o escritor Antonio Callado: “Para aqueles entre nós aqui presentes que são cidadãos latino-americanos, censura e repressão são noções familiares: fazem parte do *Latin-American way of life*” (CALLADO, 2006, p. 27). A temática também contempla amplos aspectos como a atuação político partidária das escritoras, a questão midiática, o interesse das editoras, o horizonte de expectativas dos leitores. De todo modo, entretecemos apenas um fio, a escritura de romances, a partir do qual podemos alinhar algumas práticas cotidianas no amplo tecido da sociedade.

SER ESCRITORA Y REVOLUCIONARIA DURANTE LOS ÚLTIMOS GOBIERNOS DICTATORIALES EN EL CONO SUR – EL GÉNERO EN LAS LETRAS

Resumen:

Examinamos varias condiciones que vivieron las escritoras, en un campo predominantemente masculino de trabajo, sus conflictos y problemas por ser monitoreadas y censuradas por las dictaduras. Al mismo tiempo, ese fue un período de amplia difusión de las teorías feministas y un sólido reconocimiento internacional de la literatura latinoamericana. Investigamos la vida y obra de algunas escritoras del Cono Sur que sufrieron reveses como resultado de las dictaduras cívico-militares a partir de sus novelas escritas en la época o posteriormente, que tenían como tema las dictaduras, algunos testimonios y entrevistas.

Palabras clave: Escritoras. Dictadura militar. Cono Sur.

BEING A REVOLUTIONARY WOMAN AND A WOMAN WRITER IN THE SOUTHERN CONE DURING THE PAST DICTATORIAL GOVERNMENTS – THE GENDER IN THE LITERATURE

Abstract:

We examine the multiple conditions experienced by women writers in a predominantly male work field, their conflicts and problems by being monitored and censored by a dictatorship. At the same time, that was a period of widespread dissemination of feminist theories and of a strong international recognition of Latin American literature. We investigate the life and work of some women writers from the Southern Cone who suffered setbacks as a result from the civil-military dictatorships, because of their novels written at the time or afterwards, that had the dictatorships as their theme, and presented some testimonies and interviews.

Keywords: women writers. Military Dictatorship. Southern Cone.

Referências

ALCALÁ, José V.; BARCO, Guido R. **Narradora paraguayas** (antologia) 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/89224.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2013.

BAREIRO SAGUIER, Rubén. Los intelectuales frente a la dictadura: La represión cultural en Paraguay. In: **Nueva Sociedad**, n. 35, pp. 56 – 53, 1978. Disponível em: http://www.nuso.org/upload/articulos/411_1.pdf. Acesso em: 02 fev. 2013.

BERNETTI, Jorge; GIARDINELLI, Mempo (orgs.). **México**: El exilio que hemos vivido. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

BOCCANERA Jorge (org.). **Redes de la memória** – escritoras exdetenidas/testimonios y ficción. BsAs: Instituto Movilizador de Fondos cooperativos, s/d.

CALLADO, Antonio. **Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ELTIT, Diamela. **Lumpérica** [1983]. Santiago de Chile: Seix Barral, 2008.

FOLDER (exposição). **El lamento de los muros** – Cosas desenterradas. Centro Cultural Haroldo Conti, Buenos Aires, 2012.

GARCIA, Mara L. **Escritoras Bolivianas de Hoy**. Santa Cruz de La Sierra: la hoguera, 2008.

GOCIOL, Judith; INVERNIZZI, Hernán. **Un golpe a los libros**. Represión a la cultura durante la última dictadura militar. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

LUTTRINGER, Paula. **Entrevista**, 2012. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/las12/13-7142-2012-03-23.html>. Acesso em: 15 abr. 2012

MACHADO, Ana M. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MEMORIA ABIERTA. “...y nadie quiere saber”. Relatos sobre violência contra las mujeres en el terrorismo de Estado em Argentina. Buenos Aires: Memoria Abierta, 2012.

NAVARRO, M. H. Gênero e História na Literatura Latino-Americana. In: CAVALCANTI, I.; LIMA, A. C. A.; SCHNEIDER, L. (org.). **Da Mulher às Mulheres: dialogando sobre Literatura, Gênero e Identidades**. Maceió: EdUFAL, 2006.

OLEA, Raquel. **Lengua víbora**: producciones de lo femenino en la escritura de mujeres Chilenas. Santiago: Cuarto Próprio, 1998.

PEDRO, Joana; WOLFF, Cristina (orgs.). **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

PORZECANSKI, Teresa. **Entrevista**, s/d. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero19/porzecan.html>. Acesso em: 02 fev. 2013.

PRADA, Ana R. **Salto de eje**. Escritos sobre mujeres y literatura. La Paz: Carrera de Literatura/UMSA, 2011.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência**: Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 2011.

SCOTT, Renée. **Escritoras uruguayas**: una antologia critica. Montevidéo: Trilce, 2002.

SILVA, Deonísio da. **Nos bastidores da censura**: sexualidade, literatura e repressão pós-64. Barueri: Manole, 2010.

STUDART, Heloneida. **O Pardal é um Pássaro Azul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

TRABA, Marta. **Conversación al Sur**, [1981] Mexico: siglo xxi, 2003

VALLEJO, Gabi. **Entrevista**, 2007. Disponível em: http://www.utpa.edu/dept/modlang/grafemas/diciembre_07/garcia.html. Acesso em 26 jun. 2012.

VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar**. São Paulo: Símbolo, 1978.

Dossiê:
Recebido em: Março/2013
Aceito em: Maio/2013